

## Telhado

Telhado, sombra de angico...  
Vista longe tem meu rancho.  
Eu não vejo tão distante  
Pondo lonjuras no olhar.  
-Tenho medo de partir  
E nunca mais retornar...

Fico sentado num banco  
Batendo as alpargatas.  
Tem um cusco que me ronda  
- Sabe meus passos decor -  
- Vez por outra pega uma,  
E some do meu redor.

Saio eu, um pé no chão  
Recuperar meu domínio  
E repreender o ato  
Do meu amigo de horas,  
Que na maioria delas,  
Dorme ao lado da cadeira  
Vigiando qualquer perigo,  
Mas se um dia eu for longe  
Certamente vai comigo!

Tenho asas, sempre soube  
Mas decidi não usá-las...  
Tenho medo que as distâncias  
Possam um dia cansa-las.  
Depois pra voltar, ao passo,  
Pode ser longe demais,  
Eu entendo mais de sombras  
Do que, de pontos cardeais...

O telhado do meu rancho  
Quando a chuva bate forte  
Descobre algumas goteiras  
Que nos dias de verão  
Nem tentam aparecer.  
Insistentes, pingam água  
Numa vasilha de louça  
Que mora embaixo da cama.  
Mas nas precisão de chuva,  
Salta austera, prontamente.

O angico que faz sombra  
Larga folhas pequeninas  
Desenhando sobre o chão  
Uma colcha de bordados  
Onde o sol, aos rasgados  
Infiltra os seus olhares...  
Que cena linda, um desenho  
Que Deus pinta nos meus pés...  
Onde bato alpargatas,  
Duas, quando o meu cusco,  
Não rouba o pé direito.  
Se não contei, sempre é esse  
Que o danado me some,  
Com cara de satisfeito!

Mas como vinha falando  
Não me atrevo olhar distante.  
A lonjura puxa a gente  
Feito pandorga no céu...  
Que o vento sustenta leve  
Até romper o seu fio  
E nunca mais encontrarmos.  
E ela estava no chão  
Coisa de horas atrás...

No meu rancho, o telhado,  
É todo de Santa Fé.  
Que foi capim lá na várzea  
E virou teto de casa...  
Cobertura pra o meu tempo  
De morador deste pago.  
Até, que o tempo velho,  
Com sua força de vento  
Resolva num dia desses  
-Numa atitude insensata-  
Romper o fio que me firma  
Ao chão que bato alpargatas.

Por isso, que olho perto,  
Pra não querer as lonjuras  
Nem me encartar com as distâncias  
Que o meu sonho procura!  
Sou mais de pisar na terra,  
E de bater alpargatas  
Na sombra do meu angico  
Que cuida o rancho de cima  
E sabe bem das goteiras...  
Que lhe espiam risonhas,  
Do alto do seu pensar...  
Quando fazem com a chuva  
Conchavos pra me pingar.

Um dia troco este teto  
Por um zinco barulhento  
Que, garanto, não goteia  
Nem junta folhas de angico  
Na longitude de si...  
Mas agora, fim do mês  
Vou estender panos brancos  
Meio a “mode” de cortinas,  
Pra deixar de olhar distante  
E pra luz ir se coando...  
E me tapar os caminhos  
Que longe, ando cuidando...

Entendo que indo adiante,  
Muito de bom fica aqui...  
Quero a calma deste olhar  
Que não vai além do açude.  
E quando passa, retorna,  
Todo saudoso de si!

Pra sombra que mora em mim!  
Me sobre tua claridade.  
Telhado, sombra de angico...  
Légua e pico da cidade!  
Quando me emponcho de luz,  
Este sou eu de verdade.